



SEARA E SEAREIRO

Seara de Jesus é o mundo, onde Ele, com Seu sacrifício, lançou as sementes até então guardadas em seus celeiros de luz.

Através dos tempos, os ceifeiros foram os corações de boa vontade e fé constante, chamados para cuidar da gleba que ora se apresenta fértil ora árida. E, no decorrer dos milênios, tais ceifeiros sempre foram poucos.

Reunidos, muitas vezes, em grupos afins, vieram ao mundo oferecendo suor e lágrimas para que germinassem o Amor e a Paz, a Beleza e a Ciência.

De outras vezes, surgiram, não em grupos, mas isolados, enfrentando solidão, incompreensões e abandono, mas trabalhando, incessantemente, a fim de que a parte que lhes tocou na sementeira se desenvolvesse, oferecendo seus frutos opimos.

Ainda hoje, são poucos os que assim se erguem, assemelhando-se a estrelas cadentes, percorrendo os céus dos ideais, iluminando a noite escura que acoberta a Terra...

São eles os apóstolos do Bem e da Verdade, os reveladores das Ciências novas, os desbravadores dos mistérios da alma, aprestando-se como mestres nas modernas universidades, ou reconhecidos como multiplicadores das riquezas espirituais.

Mas, quão poucos são os que os seguem ou com eles desejam trabalhar, ombro a ombro, doando tempo e suor!

Atualmente, encontramos os trabalhadores da última hora, isto é, aqueles que chegaram e continuam chegando por último à gleba do mundo, para incrementar o plantio e ajudar na colheita dos valores sedimentados, preparando novas semeaduras para os dias que virão.

É preciso multiplicá-los!

Que sejam arrebanhados todos os corações de boa vontade!

Que não lhes seja negada a oportunidade de crescimento, para que suas mãos se aprestem ao serviço redentor da Boa Nova!

(...) Da Boa Vontade e do Amor de todos, surgirá o Mundo que Jesus almeja – o Mundo de Luz, onde serão abençoados os que souberem ser fiéis.

Antonio de Aquino

Do livro: *Evangelho e Vida*. Lar de Tereza
Organização: Brunilde Mendes do Espírito Santo

Estudo: *O Evangelho Segundo o Espiritismo* – Cap. XX – “Os trabalhadores da última hora”, itens 1 a 3.

1. *O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha. Após ajustar com eles que pagaria um denário por dia, a cada um, mandou-os para sua vinha. Tendo saído ainda na terceira hora do dia, encontrou outros trabalhadores, que estavam na praça sem nada fazer, e disse-lhes: “Ide vós também para a minha vinha, e vos darei o que for justo,” e eles se foram. Voltou ainda a sair à hora sexta, e na hora nona fez o mesmo. Voltando a sair na hora undécima, encontrou outros, que também estavam sem nada fazer, aos quais ele disse: “Por que estais aqui durante todo o dia sem trabalhar”? E eles lhe disseram: “É que ninguém nos assalariou”. Então, ele falou: “Ide vós também para a minha vinha”.*

No fim da tarde, o dono da vinha disse àquele que cuidava dos seus negócios: “Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos até os primeiros. Aqueles que tinham vindo para a vinha apenas na hora undécima aproximaram-se e cada um recebeu um denário. Aqueles que haviam sido os primeiros a chegar à vinha também se aproximaram e julgaram que iam receber mais que os outros, mas receberam apenas um denário cada um. Então, puseram-se a falar contra o pai de família, dizendo: “Esses últimos trabalharam apenas uma hora e vós lhe pagais o mesmo que a nós, que suportamos o peso do dia e do calor”.

Como resposta, o dono da vinha disse a um deles: “Meu amigo, não te faço nada de errado; não combinaste comigo um denário pela jornada de trabalho? Toma, pois, o que te pertence e vai-te, quanto a mim, quero dar a este último tanto quanto dei a ti. Não me é permitido fazer o que quero? Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom”?

Assim, os últimos serão os primeiros, e os primeiros serão os últimos, porque são muitos os chamados e poucos os escolhidos. (Mateus, XX: 1 a 16. Ver também “Parábola do banquete de núpcias” no capítulo XVIII deste livro.)

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

2. O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que sua boa vontade o tenha conservado à disposição do Senhor que devia empregá-lo, e que esse atraso não seja fruto da sua preguiça ou da sua má vontade. Ele tem direito ao salário, porque, desde o alvorecer, esperava impacientemente aquele que, por fim, o chamaria para o trabalho. Ele era trabalhador, faltava-lhe apenas o trabalho.

Se, porém, houvesse se recusado a trabalhar a qualquer hora do dia; se houvesse dito: “Tenhamos paciência, o repouso me é agradável, quando a última hora soar, será o momento de pensar no salário do dia; que necessidade tenho de me incomodar por um patrão a quem não conheço e não estimo! Quanto mais tarde, melhor”. Esse, meus amigos, não teria recebido o salário do obreiro, mas o da preguiça. (...)

3. Jesus gostava da simplicidade dos símbolos, e, na sua vigorosa linguagem, os trabalhadores que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, continuadas através dos séculos pelos apóstolos, os mártires, os pais da Igreja, os sábios, os filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, vindos por último, foram anunciados e preditos desde o advento do Messias, e receberão a mesma recompensa; mas, o que digo eu? Receberão uma recompensa maior. Sendo os últimos a chegar, os espíritas aproveitam os trabalhos intelectuais dos seus antecessores, (...).

(...) Esse é um dos verdadeiros sentidos dessa parábola (...) Jesus dirigiu ao povo, os rudimentos da vida futura, (...). (Henri Heine. Paris, 1863.)